

Presidente ressuscita “nhenhêném”

“Nós estamos organizando o Brasil. Nós demos estabilidade à economia e à política, sem discriminações, sem estar preocupado com o nhenhêném, como eu digo, de gente que não tem o que fazer e dá notícias no jornal, falsas muitas vezes, simplesmente para aparecer. Não dão ouvidos à zoeira”, discursava Fernando Henrique, ontem, no Palácio do Planalto, sem saber que, do lado de fora, cerca de 900 participantes da Conferência Nacional de Saúde faziam uma grande zoeira em protesto

contra o descaso do governo na área de saúde.

Só no final da solenidade é que o presidente tomou conhecimento da manifestação e ironizou os protestos: “Essa é mais uma zoeira que se perderá no Planalto Central”.

Ele também não sabia que, naquele instante, bem longe dali, sofria novos ataques, dessa vez de cerca de dois mil advogados que aprovavam, na capital cearense, a *Carta de Fortaleza*. O documento final da XVI Conferência Nacional dos Advogados, promovida pela Ordem dos Ad-

vogados do Brasil (OAB), foi duro: “O país não pode ficar 173 anos — quase dois séculos — aquém dos constituintes de 1823, que tinham mais consciência social e mais sensibilidade democrática que os partidários do neoliberalismo”.

Assinado pelo jurista Ernando Uchoa Lima, presidente da OAB, o documento critica também a suposta prioridade que o governo Fernando Henrique estaria dando ao socorro de instituições financeiras em dificuldades. “As verbas das contribuições sociais devem ser aplicadas

em sua destinação específica e não para o fim de socorrer empresas financeiras comprometidas por má administração.”

“Nação nenhuma pode subsistir dividida entre empregados e desempregados, famintos e saciados. Entre latifundiários e sem-terra. Entre os poucos que têm muito e os muitos que pouco ou nada têm. Se o povo é relegado, debilitam-se os governos, instaura-se a violência, perecem os direitos humanos, abalam-se as instituições”, advertem os advogados.

MEMÓRIA

Tititi, blablablá, diz-que-diz. Nenhuma delas servia. Nhenhêném pegou. Resgatada pelo presidente Fernando Henrique do tupi — *nhee nhee iéie*, falar, falar, falar —, serviu para manifestar sua irritação com o rótulo de neoliberal que começava a fixar-se em seu governo um mês e meio depois da posse. Na época ele encaminhava ao Congresso suas cinco propostas de reforma constitucional.

Nhenhêném lembra “o cho-

ro das criancinhas manhosas”, como observa em seu *Dicionário Parlamentar e Político* o secretário de Comunicação Social do governo Figueiredo, Said Farhat. “Todo político sabe o que é: quando não se quer tomar posição sobre uma proposição ou matéria, e ‘não fica bem’ obstruir sua tramitação, então gasta-se o tempo disponível com nhenhênéns. Nada se resolve, tudo se adia, e o País que se lixe”, escreveu ele.